Henrique VIII, *introdutor do anglicanismo na Inglaterra.*

Início dos Tempos Modernos / As Relações Internacionais

Introdução

A formação das monarquias nacionais, no início dos Tempos Modernos, deu origem a várias questões políticas. Era comum os interesses de uma nação se chocarem com os de outra, levando a Europa a guerras internacionais. Depois dos descobrimentos, as disputas pelas áreas coloniais aumentaram ainda mais os conflitos. As questões internacionais foram se tornando tão freqüentes que acabaram por condicionar uma nova maneira de solucioná-las — a **diplomacia**.

Noções sobre relações internacionais

A diplomacia, cujo objetivo fundamental é a solução dos atritos internacionais por meios pacíficos, começou em Veneza e Florença (cidades da Itália) e desenvolveu-se lentamente. Como era através da diplomacia que os diferentes Estados se uniam em função de interesses comuns, estabelecendo acordos e normas de conduta, pode-se dizer que o desenvolvimento da diplomacia deu origem ao Direito Internacional.

Foi o Direito Internacional que instituiu os princípios sobre os direitos das nações: autonomia (isto é, liberdade de se governar por suas pró-

prias leis), soberania (isto é, completa independência em relação às outras nações) e equilíbrio de poder entre os Estados. Esse equilíbrio pode-se apresentar de várias maneiras. Suas três formas básicas são o sistema imperial, o bipolar e o múltiplo. No **sistema imperial** — que é de grande estabilidade — há uma nação predominante em torno da qual giram as outras, suas subordinadas. No **sistema bipolar** são dois os Estados predominantes; as outras nações se dispõem em torno deles, agrupadas em diferentes graus de proximidade. Enquanto os dois membros principais estão em equilíbrio, há estabilidade: qualquer alteração na força de um deles coloca em crise todo o conjunto. O **sistema múltiplo** — extremamente instável — é formado por pequenas unidades políticas, de força idêntica, que se opõem numa constante alternância de combinações.

As tendências imperialistas e a política de equilíbrio internacional

a) As guerras da Itália

A primeira grande crise internacional da Época Moderna foi a das guerras da Itália. De 1494 a 1516 ela limitou-se ao território italiano, depois envolveu os dois grandes Estados europeus da época: a França e os Estados governados pelos Habsburgos (principalmente a Alemanha e a Espanha atuais).

A ambição de Carlos VIII, rei da França, deu início às hostilidades em 1494. Legalmente, por direito de herança, os franceses tinham direito ao Reino de Nápoles (na Itália), mas Luís XI, pai de Carlos VIII, não se tinha preocupado em tomar posse efetiva dele. Carlos VIII queria conquistar Nápoles para transformá-la no ponto de partida das suas expedições para o Oriente. Chegou a tomar a cidade, mas a **Liga de Veneza**, formada pelo Santo Império, Espanha, Veneza, o Estado papal (área sob a autoridade política do papa) e outros Estados italianos, derrotou-o, e ele foi obrigado a retornar à França sem nada levar de sua conquista.

Luís XII, sucessor de Carlos VIII, recomeçou a guerra na Itália: abdicou de Nápoles em favor da Espanha, mas pretendia conquistar o ducado de Milão (na Itália). Chegou a tomar posse do território, mas foi derrotado por uma nova coalizão, organizada pelo papa. Quando o rei morreu, em 1515, a França estava ameaçada de invasão.

A guerra foi novamente retomada por seu sucessor, Francisco I, que invadiu a Itália e derrotou os milaneses e seus aliados suíços na Batalha de Marignan, em 1515. Em 1516, Francisco I assinou com o papa a **Concordata de Bolonha** e, com os suíços, a **Paz de Friburgo** (que dava ao rei da França o direito de recrutar soldados mercenários suíços). Com esses dois acordos acabaram as guerras da Itália.

Suas repercussões mais importantes foram as intelectuais, pois foi graças a essas guerras que a cultura italiana tornou-se conhecida no resto da Europa. No plano militar, percebeu-se a importância das armas de fogo — a artilharia tornou-se mais numerosa e maleável.

b) Lutas entre a França e a Casa d'Áustria (os Habsburgos, dirigentes do Sacro Império)

De 1506 a 1510, Carlos Habsburgo recebeu em herança muitos domínios: os Países Baixos, o Franco-Condado, a Espanha e suas colônias, a Áustria e os territórios alemães dos Habsburgos. Esse poderio permitiu-lhe desenvolver uma política imperialista na Europa. Concorrendo com Francisco I, da França, foi eleito imperador do Sacro Império, em 1519, recebendo o título de Carlos V. O imperador considerava-se chefe da cristandade, com direito à obediência de todos os soberanos europeus.

Na França a paz durou até 1521, apesar de o país estar envolvido e ameaçado pelos domínios do imperador. Quando Carlos V pretendeu retomar a Picardia e a Borgonha, duas regiões que os franceses tinham conquistado, a luta começou. A guerra foi longa, pois outras nações entraram no conflito: Carlos V obteve o apoio de Henrique VIII da Inglaterra e do Duque de Bourbon (região central da França); Francisco I, por sua vez, aliou-se aos príncipes alemães protestantes (inimigos do imperador) e aos turcos (que ameaçavam as fronteiras orientais do Império). A luta foi interrompida em 1529 pelo Tratado de Cambrai, e recomeçada em 1552 por Henrique II, o novo rei da França. Mas a essa altura os dois lados já tinham outros problemas que enfrentar (dificuldades financeiras e conflitos internos provocados pela Reforma), por isso inclinavam-se para a paz.

Carlos V abdicou em 1556 e morreu dois anos depois. Seus domínios foram repartidos entre seu irmão Fernando (que ficou com os territórios austríacos e alemães) e seu filho Filipe (que ficou com a Espanha e suas colônias, a Itália e os Países Baixos e o Franco-Condado). O Império foi assim dividido em duas partes: a dos Habsburgos austríacos e a dos Habsburgos espanhóis.

A paz foi negociada entre Henrique II (da França) e Filipe II (da Espanha) em **Cateau-Cambrésis**: a França abandonou suas aspirações italianas, mas conservou os bispados de Metz, Toul e Verdun, tomados por Henrique II, e Calais, que tomara aos ingleses. Esse tratado marca a substituição do imperialismo alemão pelo espanhol — que se manteve aliado dos alemães e, portanto, continuando a ser um perigo iminente para a França.

c) Filipe II da Espanha

Na França, as lutas entre católicos e protestantes começaram a diminuir o poder real, de modo que a política externa foi abandonada em favor da política interna. A Inglaterra, por sua vez, permanecia isolada das questões que agitavam a Europa. Isso criou condições favoráveis à política expansionista de Filipe II da Espanha.

A pedido do papa, Filipe II organizou uma cruzada contra os piratas, turcos muçulmanos, que estavam ameaçando vários portos da Europa; a vitória de Lepanto (região da Grécia), em 1571, trouxe-lhe muito prestígio, mas nenhum ganho material.

Em 1580, o trono de Portugal ficou vago, pois não havia herdeiros diretos. Como Filipe II era filho de uma princesa portuguesa, reivindicou o trono para si. Reuniu Portugal e Espanha num só reino e ganhou ainda mais prestígio.

O absolutismo político e a intolerância religiosa de Filipe II para com os protestantes provocaram a revolta dos Países Baixos. As províncias do Sul (atual Bélgica) reconciliaram-se com a Espanha, em 1579; as do Norte (atual Holanda), porém, graças ao apoio da Inglaterra e à liderança de Guilherme de Orange, proclamaram em 1581 a sua independência, tomando o nome de Províncias Unidas. A guerra de independência continuou ainda por muitos anos, durante os quais as Províncias Unidas atacaram colônias espanholas e portuguesas (que nesse tempo pertenciam à Espanha).

Filipe II tinha-se casado, em 1554, com Maria Tudor (rainha da Inglaterra, filha de Henrique VIII), que pretendia restabelecer o catolicismo no seu país. Após a morte de Maria Tudor, sua irmã Elizabeth subiu ao trono inglês, protegeu os anglicanos e apoiou, contra Filipe II, os Países Baixos e os piratas ingleses que atacavam os navios espanhóis carregados de ouro das colônias. A rivalidade religiosa, política e econômica entre esses dois países, culminou com a organização de uma expedição militar espanhola contra a Inglaterra, a "Invencível Armada". A derrota dessa frota — que foi destruída pelos ingleses e por uma tempestade — marca o fim do domínio espanhol e o início do poderio inglês no Atlântico e no Mar do Norte (entre a Inglaterra, os Países Baixos, a Alemanha e a Noruega).

Documento básico

Francisco I e Carlos V vistos por um embaixador veneziano:

"O que eu vi do rei da França na minha curta estada, e o que ouvi do imperador, comprovou-me que entre estes dois príncipes não há pontos em comum.

A rainha de Navarra, irmã do rei, mulher de talento e sabedoria, disse-me um dia que para poder conciliar estes dois homens, seria preciso que Deus refizesse um à imagem do outro. Pois o rei muito cristão não ama os afazeres nem os cuidados do Estado, mas sim a caça e os prazeres; enquanto o imperador sonha com esses afazeres e com os meios de aumentar o seu poder.

Este rei muito cristão e simples, liberal e dócil, ouve as opiniões de seus cavaleiros; o outro é muito reservado, muito parcimonioso, fecha-se em suas vontades e se conduz mais por sua opinião própria que pelas das pessoas que o cercam (...).

Essas características não conduzirão a um acordo; seria preciso que eles fossem convencidos da utilidade que resultaria dessa união. Mas essa união, ainda que seja, na minha opinião, bem justa, é ofuscada por ofensas recíprocas, por ódios cruéis e por paixões que os impedem de (...) perceber a utilidade da paz e de compreender o benefício que trariam aos povos cristãos ao eliminar os males que as longas discórdias engendram."

Citado por L. Gothier e A. Troux, **Les Temps Modernes,** vol. III, págs. 33 e 35.

Datas e fatos essenciais

1494:	Início das guerras da Itália.
1529:	Tratado de Cambrai.
1559:	Paz de Cateau-Cambrésis.
1571:	Batalha de Lepanto.
1581:	Independência dos Países Baixos.
1588:	Destruição da "Invencível Armada".

Resumo

1. A diplomacia originou-se da intensificação das relações internacionais, dos conflitos de interesses e da expansão mercantilista dos séculos XV e XVI.
   a) O **sistema imperial** caracteriza-se pela predominância de uma nação sobre as outras.
   b) O **sistema bipolar** apresenta duas grandes potências em torno das quais giram as potências satélites.
   c) O **sistema múltiplo** apresenta ao mesmo tempo várias potências com forças iguais.
   d) O **sistema múltiplo** é típico do século XVI, destacando-se pela sua grande instabilidade.

2. O início do século XVI é marcado pela luta entre a França e a Alemanha.

   a) As guerras da Itália demonstram o imperialismo da monarquia nacional francesa: Carlos VIII, Luís XII e Francisco I são reis típicos desse período.
   b) Carlos V formou um Império vastíssimo que dominava a Alemanha, Países Baixos e Espanha.
   c) Francisco I da França e Carlos V disputaram o trono imperial da Alemanha, continuando posteriormente a rivalidade entre eles.
   d) Francisco I aliou-se aos protestantes da Alemanha e ao Império Otomano contra Carlos V.
   e) Em 1556, Carlos V dividiu o Império em duas partes: Fernando ficou com a Alemanha e Filipe com o resto do Império.
   f) Em 1559, pela Paz de Cateau-Cambrésis, Henrique II e Filipe II firmavam a paz entre a França e a Espanha.

3. Filipe II, ao vencer os turcos em Lepanto (1571), assumiu a hegemonia sobre a Europa.

   a) A união ibérica, anexação de Portugal pela Espanha, tornou ainda mais considerável o Império Espanhol.
   b) Em 1581, os Países Baixos proclamaram sua independência da Espanha, ocasionando uma longa guerra.
   c) O prestígio espanhol foi abalado no fim do século, com a destruição da "Invencível Armada", que tentava invadir a Inglaterra.

Vocabulário

Abdicar: renunciar voluntariamente a um cargo ou dignidade.

Coalizão: aliança de nações.

Cristandade: conjunto dos povos cristãos.

Mercenários: soldados que são pagos para lutar e trabalham para qualquer país.